

MULHERES NEGRAS EM COLETIVOS NEGROS: INTERSECCIONALIDADE, REEXISTÊNCIA E AUTOCUIDADO NA UNIVERSIDADE

VANESSA DUTRA CHAVES¹; ROBSON MONKES BARBOSA²; MARINA SOARES MOTA³; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – d.chavesvanessa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – Robson.barbosa008@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Mulheres negras historicamente enfrentam múltiplas formas de discriminação, tornando essencial abordar questões de gênero, raça, etnia e classe em qualquer planejamento de âmbito da saúde. Para garantir o acesso equânime aos serviços de saúde, o Estado e seus agentes devem reconhecer e enfrentar o racismo, o sexismo e as desigualdades de classe como barreiras significativas (BRASIL, 2022).

Embora a taxa de analfabetismo tenha diminuído entre mulheres negras e brancas de 1995 a 2015, as disparidades continuam notáveis, com as mulheres negras enfrentando mais que o dobro da taxa de analfabetismo do que as mulheres brancas. As diferenças no número de anos de estudo estão diminuindo, mas ainda há muito a ser feito para promover a igualdade educacional no país (Brasil, 2022).

Na sociedade em questão, a divisão racial e sexual do trabalho marginaliza negros e mulheres, tornando-os trabalhadores de segunda classe. O racismo e o sexismo os relegam a cidadãos de segunda categoria, especialmente para as mulheres negras. Elas enfrentam discriminação dupla, sofrendo os efeitos da desigualdade sexual e racial. Mulheres negras são o setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira, embora um pequeno contingente faça parte da classe média, elas reagem a esses estereótipos buscando apoio legal e institucional, conscientes de que sua experiência não é uma exceção (Gonzalez, 2020).

A interseccionalidade explora como as interações complexas de poder influenciam as dinâmicas sociais em comunidades caracterizadas pela diversidade, assim como as vivências individuais no dia a dia. Como uma ferramenta analítica, a interseccionalidade reconhece que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e idade - entre outras - estão interligadas e se moldam mutuamente. A interseccionalidade proporciona uma perspectiva para compreender e explicar a intrincada teia que é o mundo, as pessoas e as experiências humanas (Collins, 2020).

Nos últimos anos, a universidade foi reconhecida como mais do que um local de ensino, mas também como um espaço de transformação social. No entanto, críticos apontam que, ao mesmo tempo em que contribui para a mudança na sociedade, ela também mantém hierarquias. A universidade muitas vezes é acusada de promover uma perspectiva eurocêntrica autoritária e de reforçar uma lógica meritocrática conservadora. Assim, a socialização na universidade não deve ser vista apenas como integração, mas como um processo contínuo que considera o contexto histórico e social (Trindade, 2022).

O presente estudo faz parte de uma dissertação que tem como objetivo conhecer os modos de reexistência de mulheres negras estudantes participantes de coletivos de negros, analisando a partir dos conceitos de interseccionalidade, autocuidado e reexistência.

2. METODOLOGIA

O tipo de estudo é qualitativo, está sendo realizado na Universidade Federal de Pelotas, com 12 mulheres negras estudantes que participam de coletivos negros universitários. Os critérios de inclusão envolvem autodeclaração como mulher negra, estar vinculada à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ser participante de coletivo de negro universitário. Os dados começaram a ser coletados em abril de 2024, através de entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados será realizada por meio da análise episódica de Grada Kilomba, visando reconstruir e resgatar as vivências das mulheres negras participantes, considerando as construções de gênero e o impacto do racismo em suas vidas. Para que se mantenha o sigilo ético será utilizado nomes fictícios escolhidos pelas participantes para representa-las ao longo da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao seu sentimentos dentro da universidade uma das acadêmicas refere-se sentir-se horrível e expoe um questionamento de seu professor negro durante a graduação em relação sobre o que é ser negro perante a sociedade:

“Já me senti horrível, como se não pertencesse à graduação. Pensei em desistir, cansada dessa luta constante. Parei para refletir: por que precisamos passar por isso? Lembro de uma conversa com o professor [...] em que discutíamos muito sobre teorias queer, sobre a desconstrução de conceitos para compreender o nosso entorno. Ele, que também é negro, me questionou uma vez: ‘Por que o negro é negro? Por que temos que sofrer tanto?’ Se analisarmos bem, não há um motivo complexo, é simplesmente um ódio baseado na cor da pele. Isso é muito difícil de lidar (Marina, 22 anos).”

Quando a acadêmica expressa o sentimento de "se sentir um lixo", indicando uma profunda frustração e dor, que estão associadas a permanecer no espaço acadêmico, ela denuncia um não acolhimento de identidades negras de forma justa ou inclusiva. A busca por entender seu sofrimento através de uma desconstrução queer pode ser vista como uma tentativa de reescrever sua identidade, afastando-se dos estigmas e restrições impostas pela sociedade branca.

Refletir sobre as articulações entre teorias queer e raça é questionar os discursos que buscam desqualificar e inferiorizar pessoas negras. Esse exercício desafia também as narrativas hegemônicas da branquitude, entendendo-a como uma construção performativa naturalizada e consolidada ao longo da história, no social e pela linguagem. Contestar os privilégios da branquitude e sua suposta essência, ao mesmo tempo em que coloca em xeque os discursos, valores e ideologias propagados por séculos pela mídia, pelo governo e outras instituições. Esse processo permite que novas narrativas e discursos surjam, gerando assim visibilidade para as vidas deslegitimadas e desumanizadas, além de expor os efeitos históricos e sociais desses atos de fala nas práticas cotidianas (Melo, 2024).

Quando questionada sobre quais maneiras de autocuidado era utilizada para reexistir a universidade, uma das participantes refere que pratica autoafirmação, relacionada com sua autoestima:

Eu me autoelogio todos os dias. Eu digo que o amor próprio, pra nós mulheres negras e negros também, é muito mais complicado. E eu, quando eu morei, porque eu tive um tempo que eu morei na serra, então eu senti muito mais forte aquele racismo, que não é escondido, não é velado, ele é na cara. Eles te dizem, eles te olham, eles não negam em nenhum momento. Então, eu tive que me fortalecer duas vezes mais pra mim não me abater tanto com aquilo ali. Então, lá eu criei um amor próprio de me olhar no espelho e dizer eu sou linda, eu sou bonita, meu corpo é perfeito, minha pele é bonita, meu cabelo é bonito (Conceição Evaristo, 37 anos).

É possível afirmar que o autoelogio emerge como uma prática de autocuidado profundamente política, onde sua dignidade e seu direito de existir em um mundo que frequentemente nega esses direitos às mulheres negras. Quando a participante a descreve como teve que se "fortalecer duas vezes mais", o que sugere uma necessidade de resistência não apenas física, mas também psicológica, diante das tentativas constantes de desumanização.

O racismo é um fenômeno que desumaniza, indignifica grupos sociais a partir da cor de pele, cabelo e características físicas/regionais/culturais. Ele se ancora em crenças, valores e ações que são sistematizadas e isto se perpetua e se renova e marca estruturalmente a distribuição desigual do acesso a oportunidades, recursos, informações, atenção, poder no dia a dia, perante a sociedade, instituições e nas políticas de estado (CARREIRA, 2018).

Quando questionada sobre como o coletivo negro a auxilia após um episódio de racismo dentro da universidade, uma das participantes afirma que o ambiente lhe proporciona aquilombamento e liberdade de maneira orgânica dentro da universidade.

Olha, é libertador, porque a gente acha que não, mas a academia acaba nos deixando uma dor no peito, e quando a gente abre, que a gente se aquilomba, e a gente abre o que aconteceu para outras pessoas ficarem cientes do que aconteceu contigo, e tu vê que também outras passaram por isso, é muito libertador (Oliveira Silveira, 39 anos).

Ao mencionar a "dor no peito", uma metáfora para o peso emocional e psicológico que o racismo impõe às pessoas negras dentro de instituições predominantemente brancas, como a academia. O termo "aquilombar" no trecho faz referência direta aos quilombos, espaços de resistência e liberdade formados por pessoas negras fugidas da escravidão. Em um sentido contemporâneo, aquilombar-se significa unir-se a outros negros em espaços de apoio e fortalecimento mútuo, onde é possível compartilhar experiências de opressão sem o temor do julgamento ou da invalidação.

Em seu artigo "A coisa tá preta, a coisa tá boa: aquilombamento no contexto da formação universitária" Oliveira (2021) disserta sobre que promover aquilombamentos é reafirmar movimentos decoloniais que ressignifiquem, de forma consciente, os mecanismos de dominação, gerando impactos positivos na experiência acadêmica dos sujeitos. Ao combater a opressão, torna-se possível que as consciências se integrem e participem de debates críticos de maneira

empoderada e livre, reconhecendo, enfim, que quando "a coisa tá preta, a coisa tá boa".

4. CONCLUSÕES

A previa do estudo destaca a importância de reconhecer as experiências de reexistência de mulheres negras no ambiente acadêmico, explorando as interseções de raça, gênero e autocuidado em suas trajetórias. A partir de uma análise qualitativa, baseada nas vivências dessas mulheres em coletivos negros. Ao mesmo tempo, as narrativas mostram como essas mulheres desenvolvem estratégias de resistência, como o autoelogio e o aquilombamento, que lhes permitem não apenas sobreviver, mas também afirmar suas identidades e dignidade em meio à opressão. O autocuidado emerge como uma prática de reexistência, um ato político e necessário diante de uma sociedade que constantemente tenta desumanizar corpos negros, principalmente as mulheres.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Informe MIR-Monitoramento e avaliação-nº2- Edição Mulheres Negras. Brasília-DF-setembro de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/composicao/secretaria-de-gestao-do-sistema-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial/diretoria-de-avaliacao-monitoramento-e-gestao-da-informacao/informativos/InformeMIRMonitoramentoeavaliaon2EdioMulheresNegras.pdf> Acesso em: 17 fev. 2024
- CARREIRA, Denise. O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. **SurInternational Journal on Human Rights**, v. 15, n. 28, p. 127-37, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-denise-carreira.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade* [recurso eletrônico]. Tradução Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. 2020. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.
- MELO, Glenda Cristina valim de. Discursos sobre raça: quando as Teorias Queer nos ajudam a interrogar a norma. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 410–434, 2021. DOI: 10.26512/les.v21i2.35145. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35145>. Acesso em: 21 set. 2024.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Neves et al. “A coisa tá preta, a coisa tá boa”: aquilombamento no contexto da formação universitária. **Revista UFG**, v. 21, 2021.
- TRINDADE, Luana Ribeiro. As estratégias de resistência e enfrentamentos: desdobramentos na consolidação dos Coletivos de Estudantes Negros (as) nas universidades brasileiras. **Plural**, v. 29, n. 01, p. 80-100, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/197133>. Acesso em: 08 fev. 2024